

Sugestões radicais de devedores

Um verdadeiro festival de moratória da dívida externa em toda a América Latina, deixando de lado toda argumentação econômica dos credores e das entidades internacionais de crédito. Esse seria o quadro se fossem colocadas em prática as sugestões que representantes de vários países fizeram ontem na Conferência Internacional sobre a Dívida Externa dos Países em Desenvolvimento, que se realiza no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo.

A moratória deveria começar imediatamente e traria em seu bojo algumas medidas radicais. A cientista política norte-americana, Cheryl Payer, autora do livro **A armadilha da dívida**, apontada por um dos debatedores como "socialista ferrenha", entende que não basta solucionar o problema da dívida. É preciso também "leiloar o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial". Essas entidades internacionais ligadas a governos com interesses dos bancos credores deveriam ser privatizadas.

Os países devedores poderiam evitar um confronto direto e partir para esquemas alternativos inspirados no "banho-maria". Jorge Notaro, economista do Uruguai, observou que nos contratos de endividamento há uma premissa implícita de que dívidas não se pagam e que mesmo os juros só se pagam com novos empréstimos.

Vitor Moreno, representante do México, é partidário da solução "chá de cadeira" nos corredores. Ele contou uma historinha: Uma mãe muito (os devedores) pobre tinha três filhos e não dispunha nada para alimentá-los. Colocou água e algumas pedras na panela e deixou ferver. Quando um filho reclamava da fome, ela dizia que a comida estava quase pronta. Repetia isso até que os filhos, vencidos pelo sono, adormecessem.

As consequências de uma suspensão dos pagamentos da dívida seriam quase insignificantes. Os países não receberiam recursos novos, mas, como já não estão recebendo quase nada, poderiam até lucrar se deixassem de remeter alguma coisa.